



# GIL VICENTE

Semanario monarchico-integralista  
(Literario e Noticioso)  
Orgão e propriedade da  
Junta Municipal de Guimarães  
Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO



Paradise! siete arpelesones  
Me pegaron a la entrada  
A uno de los rascones  
VÁQUEIRO

VISITAÇÃO

Director :  
D. José Ferrão.

Adm. e Editor :  
Domingos Ribeiro  
Comp. e imp.: MINERVA RIBEIRO  
Rua de Gil Vicente, 34 e 36—GUIMARÃES

## A'S ARMAS!

Oh Portugal, minha terra,  
Perdeu-se o boi da guerra,  
Recebeu da taça o fel.  
Sua! levanta-te, eis a hora,  
Caminha á luz desta aurora.

Abundio da Silva.

A reacção moderna, que as doutrinas de Maurrás em França, de Conrandini em Italia, do Integralismo Lusitano em Portugal, sopram ardorosamente, val tomando a Europa após a grande lição da guerra, entoando o bino da ressurreição na Epopeia das Nações.

Ontem Mussolini, hoje Primo de Rivera erguem o estandarte nacional, e vão-se á conquista das terras de Italia e de Hespanha numa ancia de Resgate que só dá sangue por retribuição.

Em Gloria ou Morte avançam exercitos, em sua mais bela missão — a salvação da Patria, que políticos de ignobil estofa comprometem e sacrificam, em beneficio particular ou de seita.

A onda cresce, já saltando os mares, numa revolta que se não doma, num ancia que se não quebra, buscando rigorosa Justiça sobre aqueles que em desalinho deixaram o país, esfacelando as suas prosperidades que jamais era permitido esquecer.

Tocam clarins a marcha de guerra. As espadas lampejam, abençoadas no altar da Patria. E o povo soergue-se da opressão, da escravização a que os preceitos da Liberdade o conduziram, consciencia expoliadora dos direitos naturais.

Nações fortes encontraram sempre esteio seguro no Exercito, que lhe faz a guarda na paz como na guerra, áquem como além fronteiras, naquele quarto d'hora em que a morte pode ceifar a vida.

Se é animador ver o censo empolgante do nacionalismo em nações que regressam á sua posse, quão desolador é olharmos ainda a esta Patria da eleição como sem forças para rasgar o ergastulo em brechas de libertação.

Em Italia, salva-a ontem o Exercito; em Hespanha é o Exercito que lhe corta a derrocada; em França, não longe está o Exercito de a fortalecer e perdurar.

E em Portugal? O Exercito capitulou em Evora-Monte, e foi-se a enterrá-lo em França,

depois de o trucidarem em Tancos.

Então, é preciso acordar a alma nacional para que cada peito seja uma trincheira, e um Exercito aí surja numa apoteose ao hino da Patria.

O eco da revolta se levante, impondo a autonomia regional, que o Terreiro do P.ço baqueiará de vez, sem vislumbre de reedições de republicas, ou de monarquias de importação clandestina.

O espirito centralizador é a falencia da Nação e a impunidade dos ladrões honestos.

O preceito descentralizador é a restauração da Provincia, das liberdades municipis, da integração do operario na sociedade, onde tem logar bem legitimo, e que a burguezia lhe rouba arremessando-o ás grèves, á destruição do seu lar que é o principio da ruina nacional.

Mensageiros da contra-revolução, que nos leva ao realismo por conclusão, através o corporativismo, exalçando o sindicalismo economico, levantaremos sempre o pendão de guerra á politica liberal-democrata, que com prazer infindo vamos vendo desaparecer nos quintos dos infernos em que se gerou, e lá se vai a incenerar de vez.

Compleições novas, hasteiam a Tradição como fonte inspiradora do seu valor, do seu dever nacional, e assim sabem defrontar as cadeias liberais sem um tremor de inconsciencia, sem um arripio da morte.

Cadeia maior não pode já haver, do que aquela que serve de carcere privado aos portugueses, posta adentro de Portugal.

A morte tem sua beleza, como é bela a guerra tambem em seu horror maior.

Não falo áqueles que ouviram de Weiller não ser a luta feita com abraços, nem para ter a assistencia de criaturas nervosas.

Para aquelles outros, que ainda saibam ofertar a vida á Patria e a alma a Deus, é que brado a clamação:

A's armas, portugueses!...

Ponte e SOUZA.

(ver o jornal catolico de Lisboa «A Epoca» relativa a 22 de Setembro), vai tentar um ultimo esforço, que já principiou em certo jornal com um «Deploravel» sueto acerca das ultimas crónicas insertas em «A Epoca», sobre os triunfos nacionalistas na Europa latina. Mas que admira que assim aconteça se esse mesmo jornal já chamou ao esforço patriótico de Mussolini *excessos contrarios?*

E assim, diz Mariote, «vingados estais, ó integralistas, das asnidades em que a chateza foi fértil a proposito das ideias que evangelisastes».

«Chateza! não quero revolver o punhal na ferida que te dá uma morte ingloria; mas tenho o direito de te dizer que a historia afirmará a tua hedionda nulidade, o teu espantoso vazio, na obra do renascimento nacionalista português.

«Integralistas! sou a vossa hora. A chateza é morta. Vamos ao trabalho do levantamento nacionalista português.»

## Roteiro de Guimarães

Já de ha muito que se vinha sentindo a necessidade de se publicar um roteiro da nossa terra para que ao *touriste* que nos visite nada escapasse das belezas cheias de pitoresco e inédito — e tantas são elas — dos nossos campos e dos nossos montes, dos nossos monumentos grandiosos que são outras tantas grandiosas e belas páginas da nossa História.

Mas, se todos viam essa necessidade, ninguém se atreveu a elaborar esse roteiro. Foi preciso que a organização da Exposição Industrial e Agrícola Concelhia viesse, como uma rajada benéfica, dispôr todos os espiritos para uma acção comum em que tudo se aliou para dar maior realce ao grandioso certamen.

E, assim, A. L. de Carvalho, vimaranense dedicado, aproveitou todos os momentos que se lhe tornaram vagos para ir realizando a obra que tão necessária se tornava. E o «Roteiro de Guimarães» appareceu no momento em que as nossas ruas se achavam peçadas de forasteiros que vieram assistir ás nossas festas.

O que é o «roteiro de Guimarães»? Uma esplendida brochura de noventa e cinco paginas ornada de gravuras dos nossos meliores monumentos e arrabaldes, acompanhadas de uma descrição minuciosa de tudo quanto na nossa terra e circunvisinhança existe digno de ser admirado.

E' que nem só a carcassa esboroada de remota herança constitui o patrimonio desta terra. Os pergaminhos do seu labor

## ARTOLOGIA

### Rey messianico

A Sua Alteza Real o Senhor Dom Duarte Nuno — dedica o mais humilde português o o mais rude trovador.

Encarnação lendaria do Encoberto  
Que se encantou na Ilha-do-Misterio,  
Onde lá o—Desejo—é refrigerio  
E a—Saudade qual fonte num deserto...:

E—Esperança—dum povo em pranto eterio,  
Dum povo que, porém, já vê bem perto  
Essa—Manhã—em que virás, de certo,  
Numa Nau,—novo Rey do Quinto-Imperio!...

Fadaram-te em Menino, sete fadas  
De seres o Pastor de Portugal  
E duma Grey de Tradições sagradas!

—Rey Messianico! que seja um dia  
Acertada essa bela Profecia  
Em que serás o oencedor do Gräal!...

(Do livro em prep.: «NO REYNO DO ENCANTO».)

Ruy Galvão de Carvalho.

oficial, agricola e fabril são marcantes. As suas faculdades activas e efectivas são frementes. O seu brasão de trabalho refulge em gloria ao lado da sua tradição de nobreza». E foi assim que A. L. de Carvalho, compreendendo que «o primeiro viço de amor á nossa patria, deserta no amor que votamos á nossa terra», foi assim, diziamos, que ele se abillçou á publicação do n.º 100 tão almejado guia, contribuindo para proporcionar aos nossos visitantes dois grandes prazeres, juntando o util ao agradável, isto é: facilitando informações preciosas e, ao mesmo tempo, uma bela recordação da nossa terra.

Bem haja!

## DIARIO DE PARIS

### O incendio contra-revolucionario

A utopia liberal, carregada dos mais nefandos crimes, vac sendo consumida nas labaredas da contra-revolução que triunfante alastra pela Europa occidental. A Hespanha, devorada nas suas entranhas pelo banditismo partidario, fructo necessario do liberalismo, de que renegados portugueses se fazem criminosos defensores, num repelão viril, saudado com louvores por toda a Europa da ordem, sacode o poder os flibusteiros da desgovernança.

Primo de Rivera regenera a Hespanha sem se importar com as opiniões de Afonso XIII, aliás

um grande rei, como Mussolini salvou a Italia sem ter sondado previamente o pensar de Victor Manoel, antes perseguido e azoragado pelos agentes policiaes as ordens dos seus ministros criminosos.

E ha em Portugal parvos, que se supõem conservadores, que da aprovação do sr. D. Manoel de Bragança fazem depender toda a acção politica de regeneração da Patria!

Portugal só se regenera renegando o liberalismo. Como querem então que o sr. D. Manoel de Bragança, que até hoje não teve a coragem de seu tio, o Principe de Orleans, que nobremente renegou a doutrina de morte a que a familia de Orléans estava presa, possa dar aprovação a actos que são a negação das suas ideias politicas?

Victor Manoel curvou-se aos actos e á doutrina de Mussolini, dando-lhe depois a assombrosa força que anda inerente á Realeza. Afonso XIII curvou-se e deu apoio ao acto regenerador de Primo de Rivera.

Os portugueses que queiram salvar Portugal tem de agir sem se importarem com as ideias politicas do sr. D. Manoel de Bragança. Posteriormente aos actos salvadores, o sr. D. Manoel de Bragança terá de escolher entre ser português, ser Bragança, renegando o liberalismo, ou ser estrangeiro, ser Orléans, obedecendo ao sangue de *Philippe Egalité* que lhe corre nas veias. Se preferir obedecer ao sangue estrangeiro a obedecer ás tradições da terra onde nasceu, dispensamos a sua pessoa.

## NACIONALISMO

A onda alastra para salvação dos povos.

Ontem foi a Italia que se salvou do caos. Hoje é a Hespanha que lhe secunda o exemplo. O liberalismo com todas as suas artimanhas foi desmascarado. E como vivia na mentira e da mentira, tinha fatalmente de desaparecer. E' certo que os nossos

liberales — que colocam acima dos interesses da Patria, os seus interesses individuais — não gostam destes triunfos embora não tenham a coragem de, agora, virem proclamar os seus principios liberais como elixir.

Para eles só existe o personalismo, a politica vêsga das quadrilhas que nos teem sopeado. A «chateza», como muito bem lhe chama Mariote no seu «Diario de Paris»



E' assim que se faz politica no seculo vinte. A politica do seculo vinte é uma politica de clareza, não é uma politica de intrigas, nanobrada por laçãos sem idéias, sem honra, sem nobreza, sem patriotismo.

A regeneração de Portugal! Como por ela ardem tantos corações generosos. Mas também como contra ela manobram os que desejariam ser amanhã os libusteiros do liberalismo.

Ha alguma coisa mais hedionda, mais revoltante do que os desvarios de treze anos de regimen republicano. São os treze anos de opposição do liberalismo coroado. A minha intelligencia, a minha razão, o meu patriotismo receberam maior crença com os treze anos de ultrajante vazio do liberalismo coroado do que com os treze anos de funambulesca anarquia do liberalismo de barrete frigio.

Trêze anos! E, para a regeneração de Portugal, fóra do pensamento integralista não appareceu um homem perante o qual a gente se curva, uma ideia que satisfaça a nossa intelligencia, uma pagina uma só pagina que nos prenda a atenção, uma iniciativa que fale á nossa ancia de ordem! Que miséria! Que ultrajante miséria!

A mocidade amorosa de servir a Patria e sedenta de disciplina intellectual, o liberalismo coroado respondeu com gritos confusos, denunciadores da maxima indisciplina e da mais revoltante incompetencia.

Intelligencia portugueza como fosse enganada, vilipendiada, ultrajada!

Como serias espesinhada, calcada aos pés, amordacada, algemada, se á manhã, o liberalismo coroado, esfomeado e de mãos vasias conquistasse o poder!

A uma classe nobilissima, o clero, que, numa resistencia heroica, suportou os mais cruéis assaltos do liberalismo de barrete frigio, como respondeu o liberalismo coroado?

Com o mais infecto dos ultrages. Esqueceu-o, escarneceu-o!

Sim esqueceu-o, escarneceu-o. E' incontestavelmente o clero o guarda vigilante do sentimento religioso. Ao país e principalmente ao clero era devida a obrigação de ser dito, claramente, sem reticencias, como seria resolvido o problema religioso. Como foi cumprida esta obrigação? Com a mais ultrajante evasiva. O problema religioso — afirmou se sempre — será regulado por uma concordata com a Santa Sé.

Que cinismo! E' sabido que a Santa Sé trata com todos os poderes constituídos sejam eles quais forem. A isso é obrigada para melhor defeza possível dos direitos religiosos dos fieis. Até com o poder sovietista entra em negociações, porque assim o exigem as necessidades religiosas dos fieis russos. Mas é sabido também que, nas negociações de concordata quando o poder civil é dominado por preconceitos anti-religiosos e liberais, se trava uma verdadeira luta diplomatica em que, para evitar males maiores, a Santa Sé se vê obrigada a fazer penosos sacrificios que redundam em graves prejuizos religiosos da nação.

Uma concordata com o liberalismo coroado seria, pois, necessariamente um regimen em que o Estado liberal deixasse bem vinculada a sua acção dissolvente. A Igreja passaria a ter algemas douradas.

Este é o motivo porque o liberalismo coroado nunca nos disse claramente qual seria a situação da Igreja no caso do seu triumpho.

Clero portuguez! Ultrajaram te porque te não falaram com a franqueza que te era devida!

Ainda bem que sou a hora da agonia do liberalismo na Europa occidental. Certamente esta agonia vai ser longa. Que importa? O liberalismo é já um vencido. Em Portugal, começou emfim

o justo castigo das suas criminosas intrigas, dos seus cafreas remoqueos ao maurrasismo e ao mussolinismo.

Integralistas! Saudó o vosso triumpho. O futuro só a vós pertence. Consola-me viver neste momento em que vejo os vossos inimigos morderem o pó dos vencidos. Dos seus arraias desmantelados, aonde não ha um só homem, que nestes treze anos de liberalismo de barrete frigio, mostrasse a mais pequena previsão politica, já nem sequer podem sair gritos grotescos, gritos de puros primários, contra Maurras, contra Mussolini, contra o Integralismo Lusitano.

E' a Contra-revolução em marcha. A nossa ideia invencivel vai mostrar-se como a unica esperança salvadora a todos os portuguezes que põem Portugal acima das ideologias e dos bandos liberais.

Não demoreis a reorganização das vossas falanges. Dentro delas quero fazer da minha pena um clarim e uma arma de combate. Um clarim que desperte alguns portuguezes adormecidos pelo opio de deletérias doutrinas. Uma arma de combate contra o infecto liberalista que vai tentar um ultimo esforço atacando-vos de emboscada. E' da Historia. O liberalismo coroado vai mudar de tactica. Vai calar os seus gritos de selvatica ignorancia. Vai cantar a ária d'uma Europa occidental conservadora para dar a illusão de que a sua ruina é um triumpho.

Chefes integralista! Ordenai que marchemos contra o inimigo que vai tentar apunhalar-nos de emboscada. Reorganizai o exercito. Indicai a cada um de nós um posto de combate. Ardemos em desejos de salvar a Patria, obedecendo ás vossas ordens.

## UNICOS

Estes nossos re-publicanos são uns alhos. A falta de outros argumentos — que os não teem — desatam a escoicear e não ha freio material que os contenha em ordem. E depois, para não estarem com mais aquelas, sem saberem mesmo o que dizem nem conhecerem nada dos casos a que se referem, desatam a chamar vigarices a todas as coisas e, agora, até nam o General Primo de Rivera lhes escapa.

Coitados! Do que eles teem medo é que suceda por cá o mesmo e, nestes tempos tão bieudos o saneamento seria de arripiar. E, que diabo, o trabalho não mata muito, é até relativamente pouco, a alguns desinfelizes levam a casa, ou aonde estiverem, as folhas de vaneimentos para as assinarem — e aqui está a que se resumem certas e determinadas convicções rabiscaadeiras. E' por isso que nós os não tomamos a sério, como a sério não podemos tomar os canticos caninos contra as estrelas imperturbaveis.

## Desolação

### A DERROCADA

#### Ressurgimento geral

E' realmente desolador olhar para o passado de ha 90 anos e recordar o periodo que deu começo á nossa geração. Patria conquistada á força de valor e heroicidade, Patria surgida da

luta, devia ser e foi uma Nação de guerreiros que, á custa do seu sangue regando os campos de batalha, a foram elevando a pouco e pouco, para a tornarem na Patria de Afonso Henriques, de Nun'Alvares Pereira e tantos outros que foram e são o nosso orgulho. Vejamos: Procurando com o seu auxilio, com o seu denodado esforço e com o seu nunca negado heroismo, contribuir para o bem da Nação, conseguiram depois de muitos sacrificios, de muito sangue derramado, que ela fosse a conquistadora de terra e mar, impondo a ao respeito do mundo inteiro, quer pela sua audacia, quer pelo seu valor.

Todos na hora da luta, fossem poucos ou muitos os inimigos, se batiam com valentia sob o seu estandarte querido nunca olhando ao numero, mas sempre ao perigo que os ameaçava; e, assim, regressavam dos campos devistados, quando não vencedores, mas nunca vencidos.

Todos sem exceção obedeciam ás ordens do seu Chefe sem as discutir e desta forma uma paz geral reinava em todo o país, o que era um dos grandes factores que concorria para a conquista de novos galardões. Passaram-se anos e anos, sucederam reis a outros reis, um povo a outro povo sucedendo e Portugal, este heroico Portugal e continuava na sua rota grandiosa, procurando tanta mais gloria, quanto mais glorioso se ia tornando.

Foi assim com valor e respeito, com audacia e submissão, que os nossos valorosos antepassados, depois de lutas após lutas, de combates após combates, se tornaram em cavaleiros invenciveis, legando nos uma Patria de todas a maior. Foi assim que Portugal alcançou o topo de gloria, que conseguiu o ultra-sublime cognome de conquistador que ainda ha nos recorda com dolorosa saudade a travez as paginas de ouro da sua historia.

Veio depois 1820 e aí começou o decaimento. Honra, gloria e heroicidade tudo foram perdendo a pouco e pouco até que, não havendo mais que perder, se perderam os proprios homens. Principiou então o descalabro. Tudo era marasma, tudo quietude. As conquistas, as lutas, as guerras, tudo isso eram pontos obscuros, perdidos na imensidade do infinito. Portugal, fazendo-se a si próprio, lembrava a estrela prestes a sumir-se, lançando sobre a terra a sua ultima luz. Aos inimigos que tinham sido batidos, voltava-se-lhes então as costas quando nos atacavam. O Rei, que devia dar o exemplo, refugiava-se longe, bem longe, onde não se podesse repercutir o mais leve som da fusilaria inimiga. Atraz do Rei, os cortezaos, não se lembrando que a essa mesma hora os seus irmãos se estavam batendo por uma causa que era a deles, por uma Nação que todos, sem excepção, tinham o dever de defender. Rapidamente foi Portugal perdendo os seus territórios e com eles os seus direitos. As suas caravelas sempre alegres, quais garças á vista do inimigo, já não singravam os mares. As suas bandeiras que tinham chegado aos confins do mundo e que sempre tinham sido respeitadas, eram então enxovalhadas por covardias sem nome, por ultrajes vilipendiosos. E tudo assim, até que um dia não podendo já sustentar se tal situação, decaíram por completo a ponto de não poderem livrar-se dos inimigos internos. Foi então que findou a Monarquia republicanisada...

5 de Outubro de 1910 — eis o principio da nossa ruina total, e que nos arrastará para o abismo e para a morte se a isso não nos opuzermos.

Data fatidica que será sempre

uma noção vergonhosa a denegrir as paginas brillantes da nossa historia. Se se tinha decaído muito, muito mais se decaiu; se se tinham sofrido vexames, muitos mais se sofreram; e se tinham sido o alvo dos ultrajes dos invejosos das nossas glorias e se até aí esses ultrajes inda tinham sido encobertos, passaram a ser tão claros que já não nos podiamos iludir pois que nos eram directamente dirigidos.

Antonio P. P. de Figueiredo.

## Ora toma...

O sr. coronel Taveira, que foi uma das figuras mais salientes do movimento de 19 de Outubro, actualmente confiado em Elvas por determinação do governo, escreve no semanario *Alma Nova*, de Tabua, órgão do P. R. R., um artigo em que, depois de justificar os ataques dos monarchicos contra as falcatuas do actual regimen, declara:

Nunca a monarchia tolerou em seu seio um ministro que fosse acusado de ladrão e traidor á Patria, e não permitiria que tais acusações passassem em julgado. Sucede isto em p e no regimen republicano, accrescido com roubos de toda a espécie feitos aos cofres da nação, e a impunidade é certa, porque não ha jornais na Republica que se encarreguem de amarrar á perna dos ladrões uma ferrea grilheta que os subjuguem.

Tambem o *«Republica»*, em editorial assinado pelo seu director, o sr. deputado Ribeiro de Carvalho, regista que é possível passarem-se anos e ver desfilar pelo Terreiro do Paço, de pastas de ministros do baixo do braço, quantos quadrupedes politicos esta obençoada terra tem gerado.

Isto, que é inuspatissimo, accrescido das declarações do actual ministro da Republica no Japão, que chamou a esta farandola um comunismo de larapios constitua uma o rapuca que determinado «clow» poderá exhibir no seu Ridendo Circo.

Ora aparem, seus magnões, «este pião á unha».

## Expediente

Rogamos a todos os nossos presados assinantes que mudarem de residencia o favor de avisarem para esta administração, em bilhete postal, unica forma de lhes ser remetido o jornal para a nova morada.

Igual pedido fazemos aos senhores assinantes que se retirem para as praias, terras ou campo e desejem receber regularmente o nosso jornal.

## CARTILHA MONARQUICA

### CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS.

Pedidos á administração do nosso jornal

Ex.mo Ssr.

## Imprensa

### «NOTICIOSO»

No seu numero de 23 do corrente, dignou-se, este nosso presado colega dos Arcos de Val-de-Vez, transcrever o artigo *UMA CARTA*, do nosso presado camarada sr. Domingos Ribeiro, fazendo-a acompanhar das seguintes referencias: «Reproduzimos, em lugar destacavel e do nosso estimado colega «Gil Vicente», da vestuta cidade de Guimarães, berço da Monarquia, o artigo intitulado — *UMA CARTA* —.

Lendo atentamente, como o fizemos, o precioso escrito, e sendo nêle palpavel o verdadeiro sentimento de patriotismo, o conhecimento e previsão das desgraçadas condições em que se encontra a nossa querida Patria, não podemos resistir á impressão recebida de, pela nossa parte, o tornarmos também publico e assim muito o recomendamos ao, n'essos amigos e leitores.

### «JORNAL DE CABECEIRAS»

Tambem o «Journal de Cabeceiras» se dignou transcrever em editorial o artigo «Situação» publicado no n.º 34 do nosso semanario, relativo a 9 de Setembro.

Agradecemos muito reconhecidamente.

## «Gil Vicente»

Já enviamos para o correio os recibos respeitantes ao primeiro semestre do nosso jornal.

Esperamos, pois, de todos os nossos amigos e presados assinantes o seu pagamento, tanto mais que está vencida já a assinatura, pois terminou com o numero 26.

Ninguém ignora já h je as inumeras e sempre crescentes dificuldades dum jornal de provincia principalmente nas condições do «Gil Vicente», que não defende clientelas politicas, nem faz o jogo da Fiança.

O nosso jornal vive exclusivamente da dedicação dos seus amigos e dos seus assinantes. Assim, renovando o nosso pedido, esperamos dever a todos a fineza do pronto pagamento dos seus recibos, evitando-nos novas despesas com a mesma cobrança.